

Considerações finais

A cidade do Rio de Janeiro, ao longo do século XX, viu surgir o “problema” favela como uma das principais questões que afligem a cidade. Na verdade, este problema diz respeito a uma questão muito maior, fortemente arraigada na estrutura social da cidade, marcada por intensa desigualdade social. É impossível desvincular a história da formação das favelas da história da cidade do Rio de Janeiro, pois a lógica de formação econômica e social da cidade foi o que permitiu o surgimento das favelas, e apesar de toda a diversidade social, de paisagem e de cotidianos, a lógica da favela é a mesma lógica da cidade.

A falta de moradias desde o início da formação da cidade fez com que a população pobre não tivesse muita escolha quanto a sua localização na cidade, restando a essa população a alternativa da encosta, áreas não utilizadas pelos agentes imobiliários que atuavam na cidade. Surgiam assim as favelas, que se espalharam por toda a cidade rapidamente, inclusive em áreas voltadas para a população de alta renda.

É sabido que não faltam áreas para que a população pobre pudesse subsistir com condições de vida melhores, mas faltam áreas disponíveis para a ocupação da população pobre, áreas não utilizadas pelos agentes imobiliários. Assim se constitui a favela no Rio de Janeiro, como uma questão estrutural e não de falta de espaço, e a relação entre estas e os bairros onde estão inseridas sempre apresentou conflitos e contradições. A pobreza urbana, apesar de espalhada por toda a cidade, tem sua forma aparente nas favelas.

Por tudo que já foi discutido até aqui, entendemos que a favela é um problema estrutural, arraigado em uma sociedade de classes que enfrenta muitos conflitos e contradições entre as classes, conflitos que se materializam no espaço. Vemos aqui a favela como uma das expressões materiais desse conflito, da luta pela terra e pela sobrevivência no urbano. Apontar esses conflitos, ou os elementos que os expressam foi nosso

objetivo durante toda a discussão, que esteve impregnada pelo cotidiano sob o qual estávamos voltados.

O olhar voltado para uma área específica da cidade nos permite analisar as especificidades do lugar, principalmente quanto às características da Zona Sul. A grande diversidade social dos bairros, com os mais altos IPTUs da cidade, além da heterogeneidade das favelas da Zona Sul, permitiu uma análise bastante variada, como uma tentativa de observar diferentes contradições, pois cada área pode apresentar tipos de conflitos e contradições diferentes, conforme demonstrado a partir de nossas visitas a campo.

A Zona Sul, como objeto de estudo, nos mostrou o quanto ficam marcados na paisagem os contrastes sociais, o quanto o espaço urbano do Rio de Janeiro e os diferentes cotidianos contribuem o tempo todo para manter a desigualdade existente. O discurso da população da favela nos mostra o quanto estes se sentem vivendo em um mundo a parte, não participantes da dinâmica da Zona Sul. Mostra também que, apesar de toda a dificuldade, ainda vale a pena ficar nessa área em nome da sobrevivência.

A questão simbólica também esteve muito presente em nossa discussão, sendo predominante para determinar um sentimento de estranhamento entre as classes, um reconhecimento da diferença entre as classes, convivendo em uma mesma área. Esta questão simbólica determina a existência de um estigma, do favelado como marginal, e da favela como local da violência, estigma que está expresso nas relações entre a população dos bairros e das favelas. Agregar a dimensão do cotidiano na análise nos permitiu identificar sentimentos, opiniões e o sentido de pertencimento presente em ambas as classes e impregnado no espaço analisado. O cotidiano permitiu olhar de perto para os conflitos e contradições presentes no espaço, estando muitos desses conflitos presentes no imaginário social e contribuindo para aumentar o contraste e a distância social.

Apontar os elementos que expressam as contradições presentes no espaço foi nosso principal objetivo em toda a análise, utilizando a Zona Sul e suas favelas como exemplo. Não temos aqui a pretensão de ter

esgotado este assunto, muito menos de ter apontado todos os conflitos que perpassam a relação entre os bairros e as favelas, até porque esses conflitos e contradições surgem e desaparecem constantemente, como citamos aqui a questão das remoções – um conflito que ficou adormecido por um tempo – ou a questão das UPPs, surgida muito recentemente. Na verdade, diferentes formas de atuação do poder público e diferentes formas de “ver” a favela transformam constantemente a relação entre ela e o bairro.

Durante toda a análise, observamos que o foco de nosso estudo poderia ser então a área de contato entre o bairro e a favela, ou a área de fronteira entre as classes, não com a idéia de uma fronteira física, mas uma fronteira simbólica, arraigada no imaginário social. A análise das áreas de contato nos permitiram apontar alguns conflitos que se materializam no espaço e que representam a luta de classes.

A favela aqui, portanto, aparece como resistência, como a luta de uma população para se manter em um espaço privilegiado da cidade e buscar melhores condições de vida, a luta pelo direito à cidade. A favela aparece também como uma negação do direito à cidade, pois a população favelada encontra-se na área mais bem dotada de serviços públicos e de infra-estrutura urbana, mas tem negado seu acesso direto a serviços públicos de qualidade, boa acessibilidade ao seu local de moradia e a opções de lazer. É o caso, por exemplo, da favela Chácara do Céu, onde a acessibilidade é muito restrita e a população depende de um serviço de Kombi estruturado pela própria comunidade, onde existe inclusive uma conta para os moradores pagarem no final do mês; ou da Rocinha, uma das maiores favelas da cidade, e por onde circula somente uma linha de ônibus, segundo moradores. Para resolver a falta de transportes para atender propriamente a favela, surgem muitas linhas de vans e kombis, o que entra em conflito com os moradores de bairro, que reclamam da desordem urbana causada pelas vans. O Direito à cidade fica claramente prejudicado para às populações faveladas da Zona Sul, que abrem mão de morar em locais com melhor infra-estrutura, abrem mão de serviços básicos como disponibilidade de água e correios, para morar nas proximidades de um amplo mercado de trabalho.

Interesses completamente divergentes marcam a relação entre a favela e o bairro, por isso reiteramos a idéia da favela como resistência, e acreditamos que nossa análise possa ter contribuído para a busca de uma nova visão da favela, não simplesmente da favela como oposição ao bairro, como fica claro no estigma favela-asfalto, mas como integrada no contexto da cidade, como o local de moradia do trabalhador pobre urbano, e não como o local da violência e da marginalidade. Para tentar acabar com esse estigma, a busca pelos conflitos e contradições pode contribuir, pois apontamos o tempo todo, aqui, o quanto o imaginário social contribui para aumentar a desigualdade e a distância social. Se a relação atual entre os bairros e as favelas é marcada por questões simbólicas e pelo reconhecimento da diferença, apontar os conflitos e contradições gerados a partir desse simbolismo pode contribuir para diminuir a desigualdade social e na luta pelo direito à cidade.